

# Sarney assinalado

JORNAL DO BRASIL

Felix de Athuylde \*

**P**reocupado “em não ser esquecido” pelos brasileiros e brasileiros, Sarney vai mandar construir, em São Luiz do Maranhão, “memorial com que pretende perpetuar sua passagem pelo Palácio do Planalto” (JORNAL DO BRASIL, 18.8.89).

Digo que é um desperdício.

Sarney não carece de marco de pedra para ser lembrado, no futuro. Não o esqueceremos jamais: a inflação já é seu memorial — monumental, pode ser vista até da Lua, ou nos fins do tempo, pois é de uma grandeza histórica.

E digo mais: Sarney não será lembrado, pelas futuras gerações, porque um dia (um longo dia de cinco anos), foi presidente desta República. Será lembrado, certamente, pelos livros que escreve. Digo e provo: quem se lembra do deputado (1861) e ministro da Justiça (1868—70) José Martiniano de Alencar? Ninguém. Todos se lembram do romancista Zé de Alencar.

“Tudo passa sobre a Terra.”

Deixasse o tempo passar sua pátina sobre a história e Sarney passaria incólume. O tempo também é esquecimento e o esquecimento, por seu turno, é uma espécie de perdão. Esquecendo—o, o povo brasileiro estará concedendo—lhe o perdão histórico, privilégio dos maus governantes.

Por outro lado, o lado humano, o povo brasileiro não tem nada de pessoal contra o cidadão José Sarney. Pesquisa de opinião referida por Etvaldo Dias (JB, 18.8.89) revela que “apesar de os brasileiros considerarem que há corrupção no seu governo não lhe atribuem a pecha de corrupto.” Mas, “como intelectual que é, o Sarney é preocupado com a falta de memória de nosso país” (JB, 18.8.89).

Discordo da tese, doutor. É sestro da intelectualidade dizer que o povo brasileiro não tem memória. Na verdade o povo não esquece nunca quem lhe aperreia a vida. Pode não se lembrar do que o intelectual quer que ele se lembre, mas lembra—se do que vale a pena ser lembrado. As amargas, não. Como o gato, o povo enterra as memórias fedorentas, memórias que não valem um centavo de cruzado novo.

Já disse — e concordará o leitor que provei —

que não ha nada contra o cidadão José Sarney — homem impoluto, de hábitos morigerados, pai amantíssimo e bom — bota bom nisso: boníssimo — amigo. Nossa diferença é com o presidente da República. “Seu índice de rejeição junto aos brasileiros e brasileiras está em torno de 56% (Etvaldo Dias in JB, 18.8.89).

Pelo jeito (e pelos números), ele não será esquecido nem daqui a mil anos, quando o Brasil terá outro presidente do Maranhão. E nós, felizmente, graças ao tempo que não pára, que não pára, já estaremos mortos.

Brincadeira à parte, a coisa é séria, é de tirar sono e apetite. Espantem—se os leitores, que o mais espantoso disso tudo e apesar de tudo é que “24% dos eleitores declararam que votariam num candidato indicado pelo presidente Sarney” (JB, 6.8.89).

Jogados os dados, esse candidato teria tantos votos quanto o Collor por enquanto. E isso quer dizer isto: depois disso, Sarney não vai se contentar em ser só magistrado nas próximas eleições. Vai é se empenhar para empenar o curso das eleições. Além dos dois turnos, teremos o *tour de force* de Sarney.

E quem pode criticá—lo? Nanja eu. Principalmente, se se levar em conta que qualquer governo, por mais desmoralizado que esteja (é este está), tem sempre de 10% a 15% dos votos, no mínimo. Se, teoricamente, “pesquisamente”, pode chegar a 24%, nem se fala, é agir, botar a máquina para funcionar. Quando mais que 50% dos 80 milhões de eleitores, segundo o TSE, são analfabetos ou semi—analfabetos. Seria uma virada memorial.

*Estrambote*

Sabe da última, leitor?

“A maior burrice teórica é dizer que nós já estamos em hiperinflação” (Mailson da Nóbrega in JB, 22.8.89). Na burrice prática, temos é reinflação: a alta inflação de um mês que se repete noutro mês, “com um crescimento lento, de dois pontos percentuais”, e que se repete noutro mês, “até o fim do ano”. *L'inflation, l'inflation toujours recommencée!*

Pais estável, este onde a inflação é uma flecha que *vole, et qui ne vole pas!* (Paul Valéry).

Redator do JORNAL DO BRASIL